

## DONA BENTA E OS MEDIADORES DE LEITURA NAS NOVAS MÍDIAS

*DONA BENTA AND MEDIATORS OF READING IN NEW MEDIA*

**Patrícia Beraldo Romano**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

**RESUMO:** Falar sobre mediadores de leitura é sempre um assunto polêmico. Desde quando ser mediador passou a ser tão solicitado no mundo da leitura de textos em geral e de textos de literatura? Dona Benta, personagem das obras infantis de Monteiro Lobato parece ser um exemplo eficiente de mediadora de leitura e sua *performance* pode contribuir, ainda hoje, para analisarmos o sistema literário composto por autores, obras e público leitor, inclusive se pensarmos que nossos atuais professores-mediadores precisam não apenas ser leitores de livros de papel, mas também de textos e livros publicados em plataformas virtuais. Este texto pretende apresentar algumas discussões, hipóteses e resultados obtidos a partir do estudo da figura de Dona Benta como mediadora de leitura nas obras infantis *Dom Quixote das Crianças* (1936) e *Geografia de Dona Benta* (1935), pensando também nessa mediação a partir das novas plataformas virtuais presentes no cotidiano do jovem leitor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dona Benta; mediador de leitura; novas mídias

**ABSTRACT:** Talking about reading mediators is always a controversial subject. Since when did you become a mediator in the world of reading texts in general and literature texts? Dona Benta, a playwright of Monteiro Lobato, seems to be an efficient example of a mediator of reading and her performance can contribute, even today, to analyze the literary system composed of authors, works and readers, even if we think that our current teachers- Mediators need not only be readers of paper books, but also texts and books published on virtual platforms. This text intends to present some discussions, hypotheses and results obtained from the study of the figure of Dona Benta as mediator of reading in children's works *Don Quixote of the Children* (1936) and *Geography of Dona Benta* (1935), also thinking in this mediation from the New virtual platforms present in the daily life of the young reader.

**KEYWORDS:** Dona Benta; mediator of Reading; new media

### 1 INTRODUÇÃO

Mediadores de leitura estão presentes em todos os anos da vida escolar dos alunos, desde os primeiros até os últimos, ainda com a possibilidade de acrescentarmos os anos de formação universitária. Podem (e devem) ser os professores, bibliotecários, bem como diversas pessoas que, às vezes, mesmo sem formação específica na área, mas com formação leitora eficiente e contato constante e direto com livros, leitura e

leitura de literatura, são capazes de fazer esse processo de diálogo saudável entre o texto e o leitor.

Os professores, de forma geral, entretanto, nem sempre estão preparados para atuar no processo de mediação, pois necessitam de um constante contato com leitura e com leitura de literatura, nem sempre presente nas suas experiências diárias por uma série de privações que já são conhecidas como pouco acesso a livros, sejam eles físicos, sejam eletrônicos.

A partir das ações de Dona Benta em duas obras infantis de Monteiro Lobato, *Dom Quixote das Crianças* (1936) e *Geografia de Dona Benta* (1935), este trabalho apresenta como proposta a discussão sobre como essa personagem pode ser, ainda hoje, modelo de mediadora eficaz de leitura e como, em tempos de novos recursos midiáticos na educação, seu processo de mediação de leitura, pensado nas décadas de 20, 30 e 40 do século XX, quando as obras infantis de Lobato foram escritas e publicadas, ainda pode ser adaptado para a sala de aula do século XXI.

Essa nossa tese se sustenta no fato de que, como leitora proficiente de livros dos mais variados assuntos, Dona Benta pode, ainda hoje, contribuir para a formação de professores-mediadores de leitura que têm interesse por descobrir como executar esse papel, de maneira eficiente, em sala de aula, e ainda se utilizar, para isso, dos recursos da internet e da informática para atuar de forma mais lúdica nesse processo.

Nossa pesquisa é basicamente bibliográfica e estamos pautados em estudiosos sobre leitura e leitura da literatura, como Cerrillo, Larrañaga e Yubero (2002), Lacerda (2010), Lajolo e Ceccantini (2008), Candido (2007), Belloni (2009), Coscarelli (2016) dentre outros.

## **2 MEDIADORES DE LEITURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS**

Os estudos que vimos fazendo nos últimos anos<sup>1</sup> têm nos revelado que definições teóricas sobre mediadores de leitura são bastante polêmicas. Uma busca pela internet

---

<sup>1</sup>Sobre esse assunto, temos publicados os seguintes artigos:

“Dona Benta: uma mediadora de leitura em *Peter Pan*, de Monteiro Lobato” in *Revista Caletrosópio*-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto. V.4, n.6 (2016), pp. 37-53; “A personagem Dona Benta como mediadora de leitura em *Aventuras de Hans Staden*, de Monteiro Lobato” in Anais do IV CIELLI- 4º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual de Maringá (8 a 10 de junho de 2016); “ A personagem Dona Benta como mediadora de leitura em *Fábulas*, de Monteiro Lobato” in Anais do 7º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil/ II Seminário de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação

fará com que nos deparemos com alguns sites, inclusive com material produzido pelo MEC<sup>2</sup> ou por algum programa de formação de mediadores, como é o caso do PNLL e PNBE. O que chama a atenção nessas discussões é que a nomenclatura “mediador de leitura” parece ter sido usada no país por volta do início da década de 90, quando muitas das políticas públicas de leitura passaram a se disseminar Brasil a fora.

Nossa hipótese, nesse assunto, é a de que a nomenclatura teria chegado ao país juntamente com muitos textos de teóricos da América Latina, em especial de países como Colômbia, Chile, Cuba, Guatemala e Argentina, cujas políticas públicas de leitura influenciaram a formação das políticas públicas de leitura no Brasil. Nomes como Silvia Castrillón, Cecília Bajour, Maria Teresa Andruetto e Yolanda Reyes tiveram e têm importância significativa nesse processo.

Também acreditamos que os textos do historiador francês Roger Chartier tenham contribuído para que a nomenclatura ganhasse força por aqui. Em texto intitulado *Tortura e Glória: fugas na ordem dos livros* (2010), a professora e escritora Nilma Lacerda, ao falar sobre a necessidade de se investir em mediadores de leitura, tanto quanto se investe na aquisição de livros, aponta:

A mediadora ou mediador de leitura está ali, ao lado das figuras mencionadas por Chartier, na rede de profissionais que constroem o leitor. Sua presença é inevitável, no entanto, em um país que só recentemente insere nas políticas públicas mencionadas o investimento na biblioteca pública.

[...] Todas as pessoas precisam, no presente, ser leitoras críticas, capazes de se movimentar com habilidade e competência em uma sociedade que tem na escrita um valor determinante. E tal como o mestre-capoeira ensina ao menino os movimentos da luta, tal como a rendeira ensina à neta a colocação da almofada e o jogo dos bilros, como o barqueiro do São Francisco fala ao aprendiz das histórias e das almas do rio, dos sorvedouros e dos bons lugares de ancorar, *quem faz o elo entre leitor e livro fala do que é o livro. Fala do que é o livro, ensina o leitor a se mover por suas páginas, diz das experiências por ele propiciadas, ajuda a compreender o texto, como fez um homem rude e enigmático em suas clarezas: “Explicou-me que se tratava de uma história, um romance, exigiu*

---

Literária: Linguagens Poéticas pelas frestas do contemporâneo realizado na Universidade Federal de Florianópolis- campus de Florianópolis, de 26 a 28 de setembro de 2016.

Em fevereiro de 2017, defendemos a tese de Doutorado intitulada “Dona Benta: mediadora de leitura em *Dom Quixote das Crianças e Geografia de Dona Benta*, de Monteiro Lobato”, sob orientação da professora Dra. Marisa Lajolo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, com auxílio de bolsa Prodoutoral CAPES/UNIFESSPA e Bolsa IPM.

<sup>2</sup>[http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/edgar\\_linhares.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/edgar_linhares.pdf), acesso em 15/08/17.

*atenção e resumiu a parte já lida (RAMOS, 1986, p. 201)” (LACERDA, 2010, p. 11, grifos nossos).*

A partir dessa sensível e quase lírica exploração de Lacerda sobre o assunto, podemos pensar que a formação de mediadores de leitura tem merecido um estudo mais pontual a fim de se discutir essa temática com toda a seriedade que ela tem requerido nos últimos anos, em especial, se pensarmos que os indicadores de leitura, a partir dos resultados do último *Retratos da Leitura no Brasil, 2016*, mostram um pequeno aumento no número de leitores embora também acusem que 50% dos professores responderam não ter lido livro algum sobre pergunta a respeito do último livro por eles lido<sup>3</sup>.

Se os professores são, ao lado de familiares, os que aparecem como maiores incentivadores de leitura na pesquisa do *Retratos da Leitura no Brasil*, esse pouco interesse por ler livros é bastante preocupante. Talvez por isso a preocupação de Nilma Lacerda acerca da formação de mediadores de leitura seja, para nós, de fundamental importância. E também partilhamos da ideia dela de que o mediador de leitura tem de ter preferência particular por livros de literatura. Para ela,

Quem é um elo entre livro e leitor propicia o descortino de experiências que os livros de literatura permitem construir, no caminho necessário para leitores e leitoras em processo de formação (LACERDA, 2010, p. 12).

Nesse processo de “descortino de experiências” acreditamos na necessidade de que os mediadores precisem despertar no leitor um prazer por ler<sup>4</sup> e aqui citaremos um excerto de obra, de três estudiosos espanhóis, sobre leitura e mediadores, Pedro Cerrillo, Elisa Larrañaga e Santiago Yubero, na obra *Libros, lectores y mediadores: la formación de los hábitos lectores como processo de aprendizaje* (2002). Foi a partir da leitura desse texto que nos deparamos com definições mais pontuais sobre a figura dos mediadores e também com a relação deles com a ideia de “prazer por ler”:

La expresión “el placer de leer” exige una explicación para evitar que se vacíe de significado: la lectura (esencialmente la lectura de textos literarios) solo se convierte en placer cuando es activa, creativa y habitual; y para llegar a ello hay que recorrer un largo camino en el que son necesarios el rigor, la soledad, la disciplina y la constancia. El “placer de leer” se hace, pues, poco a poco; y somos

---

<sup>3</sup><http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>, acesso em 15/08/17.

<sup>4</sup> Sabemos que a expressão “prazer por ler” é bastante polêmica, já que o prazer pode advir não apenas de experiências consideradas “boas”, mas também “difíceis”. Assim, entendemos aqui essa ideia como algo que tem de ser trabalhado pelos mediadores de leitura a fim de levar os leitores a uma proficiência maior de leitura de textos de diversos assuntos e gêneros.

los adultos los que tenemos que poner los médios para que los niños puedan llegar a tenerlo um día<sup>5</sup> (CERRILLO, LARRAÑAGA, YUBERO, 2002, p. 30)<sup>6</sup>.

O mediador eficiente seria, para nós, aquele que consegue conduzir seus ouvintes a esse trajeto de amadurecimento de leitura, afinal, ler na solidão exige maturidade nas práticas leitoras, disciplina e também perseverança, pois muitos textos literários são complexos e podem desestimular numa primeira leitura. É necessário aprender a vencer esses obstáculos e o mediador deve ajudar o leitor/ouvinte a dar esses passos. Além disso, o ato solitário de leitura pode ser bastante inquietante: o leitor pode ler na solidão de seu quarto, na biblioteca, na sala ou onde quiser, mas ao tomar contato com as ideias do autor e pensar nelas em relação às dele, já parece tornar a leitura um ato solidário, em vez de solitário.

É a partir dessa ideia apresentada pelos estudiosos que chegamos à figura de Dona Benta como mediadora de leitura. Leitora solitária de textos literários e de tantos outros gêneros, ela lê para contar, para recontar e para mediar.

Para propiciar uma formação humana e intelectual a seus netos, ela não mede esforços para recontar histórias literárias clássicas ou para explicar a história e a geografia do mundo. Nesse processo de lidar com textos diversos, vemos como a avó-mediadora ou avó-professora-mediadora é eficiente na sua técnica de aproximar texto de ouvinte e, por isso, acreditamos que, ainda hoje, ela pode ser um saudável modelo de mediadora para os professores que desejam ser mediadores eficazes de leitura.

### **3 DONA BENTA: MEDIADORA DE LEITURA EM DUAS OBRAS INFANTIS DE MONTEIRO LOBATO**

Lembramos que nossa concepção de literatura parte do conceito da tríade de Antônio Candido: autor-obra-público, discutida na obra *Formação da Literatura Brasileira*, publicada na década de sessenta do século XX. Para o professor Candido nosso Sistema Literário está integrado a um sistema social neles se integramos autores, que produzem

---

<sup>5</sup> A expressão “o prazer de ler” exige uma explicação para evitar que se esvazie de significado: a leitura (essencialmente a leitura de textos literários) somente se converte em prazer quando é ativa, criativa e habitual; e para se chegar a isso temos de percorrer um longo caminho no qual são necessários rigor, solidão, disciplina e perseverança. O “prazer de ler” se faz, pois, pouco a pouco, e somos nós, os adultos, que temos de proporcionar os meios para que as crianças possam chegar a tê-lo um dia (tradução minha).

<sup>6</sup> A expressão “o prazer de ler” exige uma explicação para evitar que se esvazie de significado: a leitura (essencialmente a leitura de textos literários) somente se converte em prazer quando é ativa, criativa e habitual; e para se chegar a isso temos de percorrer um longo caminho no qual são necessários rigor, solidão, disciplina e perseverança. O “prazer de ler” se faz, pois, pouco a pouco, e somos nós, os adultos, que temos de proporcionar os meios para que as crianças possam chegar a tê-lo um dia (tradução minha).

e publicam seus textos, e os leitores, que os lêem. A partir dessa noção é que pensamos em Dona Benta como a figura que intermedeia textos e autores a leitores.

Para falarmos dela, fizemos uma pesquisa ao longo de toda a obra infantil de Monteiro Lobato. Escolhemos duas obras para o assunto deste texto: *Dom Quixote das Crianças* e *Geografia de Dona Benta*<sup>7</sup>. A escolha da primeira obra se deu porque parece haver um projeto de leitura idealizado nela por Lobato; a segunda, por sua vez, pertence ao grupo das obras consideradas “didáticas” por Whitaker Penteadó, em *Os Filhos de Lobato* (1997) e nela Dona Benta executa sua tarefa de mediar o conhecimento a partir do recurso da viagem imaginária, o que nos parece uma opção bastante lúdica para se apresentar uma discussão teórica sobre a Geografia Física e também Política.

E para pontuar melhor nossa discussão, elencamos duas tipologias de mediação de leitura para Dona Benta: **avó-mediadora** ou **mediadora familiar** e **avó-professora-mediadora** ou **mediadora institucional**. Na primeira tipologia, Dona Benta reconta textos apenas na condição de familiar e isso se apresenta mais pontualmente nas obras consideradas “recontadas”, como *Dom Quixote das crianças* (1936) ou mesmo *Peter Pan*(1930), *Aventuras de Hans Staden*(1927), *Fábulas*(1924, 1943) ou ainda *Histórias de Tia Nastácia*(1937). Na segunda, presente nas histórias mais didáticas, como *Geografia de Dona Benta*(1935), *História do mundo para as crianças*(1933), *História das Invenções*(1935) e *Serões de Dona Benta*(1937), a avó parece ter uma representação mais institucional, como uma professora que ensina seus alunos, com a diferença de ela fazer isso de forma prazerosa para as crianças.

A partir dessas tipologias de mediação, destacamos onze competências leitoras de Dona Benta na leitura que fizemos da saga infantil e percebemos que elas se repetem nas obras, embora nem sempre concomitantemente, ou seja, não encontramos todas elas em todas os textos, mas várias delas estão presentes nas diversas narrativas. Estamos entendendo “competência” como “estratégia de leitura” e, para estratégia, adotamos o seguinte pensamento de Isabel Solé: “Se considerarmos que as estratégias de leitura são procedimentos de ordem elevada que envolvem o cognitivo e o metacognitivo, no ensino podem ser tratadas como técnicas precisas ou habilidades específicas”<sup>8</sup>. Assim, Dona

---

<sup>7</sup> Algumas das ideias que serão aqui discutidas estão presentes em nossa tese de doutorado anteriormente citada.

<sup>8</sup> Desenvolver a competência leitora: responsabilidade de todas as áreas. Editora Moderna. Disponível em <http://pt.slideshare.net/EdModerna/competencia-leitora-pnld>, slide 6, acesso em 15/10/16.

Benta parece apta para cumprir sua tarefa de mediadora a partir das seguintes competências que elencamos sobre ela:

1. Tem noção se o que ela conta ou se o que ela medeia atinge seu público ouvinte;
2. Não lê somente para si, mas para compartilhar com o outro;
3. Busca a melhor entonação de voz para dar vida ao que conta/reconta;
4. Adapta o vocabulário para atingir seus ouvintes;
5. Apresenta um vasto repertório de leitura o que lhe dá enorme facilidade de lidar com as dúvidas de seus ouvintes;
6. É sensível quanto a seus objetivos: está sendo ouvida? Compreendida? Há gosto por parte dos ouvintes em relação ao que ela reconta, lê, medeia ou discute?;
7. Está sempre atualizada e “antenada” com as novidades de seu tempo;
8. Se, por acaso, desconhecer algo, tem humildade de reconhecer tal situação e procura, rapidamente, resolvê-la indo em busca do conhecimento;
9. É sensível à dificuldade, muitas vezes, do assunto tratado, ou ao volume de informações apresentadas e, por isso, divide a mediação de seus serões em vário(a)s dias/noites, para não cansar seus ouvintes.;
10. Aceita a opinião do outro, mostrando que mesmo crianças podem contribuir com visão crítica de mundo a partir de seus conhecimentos ou as corrige, quando necessário;
11. Valoriza a liberdade e a liberdade de expressão acima de tudo.

Com isso, optamos por observar como algumas dessas competências ocorrem em *Dom Quixote das Crianças* e em *Geografia de Dona Benta*. Para o primeiro texto, dentre várias competências presentes, escolhemos falar da número 5: “Apresenta um vasto repertório de leitura o que lhe dá enorme facilidade de lidar com as dúvidas de seus ouvintes”. Essa competência se encontra em praticamente todas as obras e aparece repetidamente à medida que Dona Benta nunca titubeia em esclarecer as dúvidas das

crianças e procura dar respostas, muitas vezes, pautadas em textos teóricos ou literários por ela lidos. Vejamos dois exemplos:

<i>Dom Quixote das Crianças</i>	<i>Dom Quixote das Crianças</i>
<p>[...] -Por que se chamavam assim? [cavaleiros andantes] –indagou a menina. -Por que viviam a cavalo, sempre a correr mundo atrás de aventuras. E tais e tantas foram suas aventuras, que os poetas começaram a contá-las em seus poemas, como esse de Ariosto; e os prosadores também; de modo que a literatura daquele tempo era só de bandidos e policiais. (LOBATO, 1957, p. 18)</p>	<p>[...] -Estou com essa pergunta a lhe fazer há muito tempo, vovó. Parece que antigamente os barbeiros eram muito mais importantes do que hoje. Por que isso? -É, minha filha, que antigamente os barbeiros também funcionavam como médicos. O grande remédio da humanidade, durante muito tempo, foi a sangria –e os barbeiros, além de barbearem os fregueses, também os sangravam quando adoeciam. -E por que foi esse remédio abandonado? –quis saber Pedrinho. -Simplesmente porque não curava. A ignorância dos nossos antepassados era maior que a nossa de hoje. Em matéria de medicina, então, eles praticavam verdadeiros absurdos, como esse de tirar o sangue dos pobres enfermos, como se no sangue estivesse o mal. -E isso durou muito tempo? -Durou, meu filho. Tudo que é errado dura muito. A humanidade é bem isso que a Emília vive dizendo. A história da humanidade não passa de história de horrores, estupidez e erros monstruosos (LOBATO, 1957, p. 101)</p>

No primeiro excerto acima, Dona Benta se preocupa em responder às dúvidas infantis sempre apontando para além do que as crianças querem saber. É como se o “a mais” pudesse, posteriormente, ser lembrado, repensado e questionado novamente. Ao falar sobre os cavaleiros andantes, ela acrescenta a informação de que eles também estão presentes em obra de Ludovico Ariosto, provavelmente, *Orlando Furioso*, que ela cita em *Dom Quixote das crianças*.

No segundo excerto, a discussão se estabelece por conta da dúvida sobre a palavra “barbeiro”. Dona Benta procura contextualizá-la a fim de que as crianças entendam, inclusive, que, com o tempo, muito do que se fazia na área médica era apenas por pura suposição ou mesmo “estupidez”, como ela lembra. Em ambos os excertos, a

avó se mostra alguém da família interessada em recontar a história do Cavaleiro da Mancha de maneira prazerosa e de forma a não sobraem dúvidas, nem de linguagem, nem de informações.

Para o segundo texto, *Geografia de Dona Benta*, escolhemos a competência 7: “A avó sempre atualizada e ‘antenada’ com as novidades de seu tempo”. Nossa mediadora se mostra conhecedora de situações que não eram comuns para a maioria das mulheres de seu tempo. Seu conhecimento, advindo especialmente de leitura de livros, permite que ela relacione situações contemporâneas suas a outras que ela parece vaticinar. Vejamos dois exemplos:

<i>Geografia de Dona Benta</i>	<i>Geografia de Dona Benta</i>
Dona Benta suspirou. Depois fez ver aos meninos a revolução que a descoberta do rádio trouxera para o mundo. ---É prodigioso o rádio! –disse ela. Estamos aqui no outro lado do globo, perto do Japão –e estamos ouvindo as últimas novidades do Brasil. Antigamente, para obtermos essas notícias tínhamos de esperar carta –e a carta era forçada a viajar meses para chegar às nossas mãos. (LOBATO, 1958, p. 136).	[...] Todas as noites os meninos conversavam pelo rádio com o compadre Teodorico sem darem importância à maravilha que era aquele extraordinário meio de comunicação aérea. Dona Benta, porém, não deixava nunca de espantar-se. Que assombro! –vivia dizendo. Que maravilha! Já tia Nastácia não acreditava em coisa nenhuma. (LOBATO, 1958, p. 137)

Segundo José de Almeida Castro, fundador e ex-presidente da ABERT Clubes de amigos e primeiras “PR” (emissoras com Clubes ou sociedade, como a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro: PRA-2) no rádio brasileiro, o rádio, no Brasil, teria surgido, oficialmente, em 7 de setembro de 1922<sup>9</sup>, embora somente tenha começado a operar em 30 de abril de 1923. Ele passou praticamente uma década sem ter qualquer controle. Somente em 1934, com o governo de Getúlio Vargas, foi que se instituiu o primeiro Código Brasileiro de Radiodifusão, feito pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), vinculado diretamente ao presidente Vargas. No mundo, o rádio apareceu no final do século XIX, 1896, e teria revolucionado a comunicação à distância<sup>10</sup>.

É disso que parece tratar Dona Benta, da revolução que esse tipo de comunicação imprimiu ao mundo. Talvez ela deseje que as crianças fiquem despertas para o fato de

<sup>9</sup> Informações disponíveis em <http://www.abert.org.br/web/index.php/quemsomos/historia-do-radio-no-brasil#>, acesso em 04/07/16.

<sup>10</sup> Informações disponíveis em <http://historia-da-comunicacao.blogspot.com.br/2012/03/o-surgimento-do-radio.html>, acesso em 04/07/16.

todos ele conversarem, várias noites, com o coronel Teodorico, que ficara no sítio e estava a milhas de distância. Era importante pensar e refletir sobre essa revolução.

Dona Benta parecia se espantar com a rapidez que o rádio, como meio de comunicação, imprimia na transmissão de mensagens e seu desejo talvez fosse o de despertar esse espanto também nas crianças, para que elas não ficassem como Tia Nastácia, completamente apática às novidades científicas da humanidade, por ignorar o conhecimento científico.

Em *Geografia*, temos a avó-mediadora-professora que, a bordo do navio faz-de-conta “O Terror dos Mares”, imaginado por Emília, “viaja” com a turma do Sítio para as mais diversas partes do planeta a fim de ensinar, de forma lúdica, divertida, a geografia para todos do Sítio e também para os leitores da obra. Sua postura é a de “comandante” de toda a tripulação, ou seja, a pessoa que comanda o conhecimento e as “doses” em que ele deve ser ministrado e que, a partir de sua capacidade de ir além de informações básicas, instiga a discussão crítica de diversos assuntos.

Por isso, o processo de mediação de Dona Benta parece funcionar e pode, a nosso ver, também ser eficiente para os professores de hoje que querem aperfeiçoar suas práticas mediadoras. Além disso, alguns trechos das obras em questão sugerem uma possibilidade de que é possível que o exemplo de mediação da avó possa ser adaptado para o uso com as novas tecnologias atualmente disponíveis para serem aproveitadas nas salas de aula. Essa será a nossa discussão a seguir.

#### **4 A EXPERIÊNCIA MEDIADORA DE DONA BENTA E AS NOVAS MÍDIAS**

Os últimos dez anos do século XXI, entretanto, têm trazido novos desafios para o mediador de leitura e para o leitor. Devemos começar a pensar nas novas tecnologias advindas com a ascensão da internet e na revolução que ela tem feito nos meios de comunicação. Essas mudanças também atingiram as escolas e o modo de pensar o ensino nelas.

Parece-nos cada vez mais necessário que a escola procure se adaptar às mudanças trazidas pelo ciberespaço para poder exercer, de forma mais coerente, seu papel de formação de cidadãos críticos e alfabetizados no mundo da leitura *on-line*.

É importante lembrarmos que nosso aluno também mudou, não é mais o mesmo de há dez ou vinte anos. Essas novas gerações passaram a fazer outros tipos de leituras,

em diversas plataformas. Não estamos mais falando apenas de papel físico, de folhas físicas de livros, mas de novas plataformas virtuais e novas interfaces. Agora o aluno digita seu texto numa tela, não mais o fixa na folha de papel com sua letra impressa; agora o aluno pode escrever suas impressões de leitura num *blog* em vez de registrá-las nas linhas de um caderno de papel. Com isso, ele pode compartilhar essas impressões com um número grande de pessoas o que não ocorre com o registro feito no caderno físico. Segundo Ribeiro (2005, p. 126 apud AZEVEDO, 2016, p. 101), em *Tecnologias para aprender*, de Carla Coscarelli (2016):

as tecnologias eletrônicas digitais fundaram novas maneiras de escrever e ler, utilizando interfaces novas: o teclado e o monitor em vez da caneta e do papel, a impressora, a utilização de *softwares* tais como o Word, o bloco de notas, os navegadores para as leituras na internet. Tudo isso são novas interfaces, tanto para o escritor quanto para o leitor, ou novas tecnologias para fixar a escrita e fazer a leitura (a tela ou a página impressa). É importante frisar, no entanto, que são tecnologias que aderem a possibilidades já existentes e estáveis há tempos, ou seja, melhor do que dizer que são exclusivas e excludentes, essas tecnologias se somam a um rol de práticas de leitura e escrita, são híbridas em sua natureza e origem, já que são, ao menos em parte, familiares ao leitor e são alternativas ao modo de ler e escrever.

Se a leitura agora exige a integração das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) ao cotidiano das escolas, exige também que o mediador de leitura reveja sua maneira de mediar os textos, já que eles aparecerão em novas plataformas de leitura e exigirão, além do conhecimento delas, metodologias que as atendam e também criatividade para executar o processo de mediação desses textos com os leitores. Tudo isso poderá contribuir para práticas educacionais mais democráticas, em especial, no ensino público. Sobre as TIC, Maria Luiza Belloni, em *O que é mídia-educação*, coloca:

Podemos dizer, em primeira aproximação, que as TIC são o resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas. As possibilidades são infinitas e inexploradas, e vão desde as “casas ou automóveis inteligentes” até os androides reais e virtuais para finalidades diversas, incluindo toda a diversidade dos jogos *on line* (BELLONI, 2009, p. 21).

Elas muito possivelmente têm criado bastante polêmica por conta dos professores abertos às mudanças e dos resistentes a elas. O que podemos pensar é que ao lado da cultura do papel, está a cibercultura, a cultura da tela, e nossos professores-mediadores precisam, a cada dia, se adaptar a essa nova realidade. Em 2006, Sueli Bortolin já lembrava sobre o uso do CD-ROM para a leitura de textos, inovação para a época: “Esse

é um caminho que tende a ser explorado pelos mediadores de leitura em geral, pois ignorar a pluralidade de linguagens e/ou inovações tecnológicas é, no mínimo, desprezar as novas formas de comunicação” (BORTOLIN, 2006, p. 59). Se os professores aprenderam ouvindo definições de seus mestres ou mesmo lendo conceitos impressos, as novas gerações aprendem “lendo, vendo, assistindo, ouvindo, falando, escrevendo, simulando... fazendo” (RETTENMAIER; RÖSING, 2011, p. 202) e acrescentamos, navegando “no âmbito de texto e de sua ciberapresentação” (RÖSING, 1999, p. 167).

Os alunos atuais sabem que existem muitas fontes de informação e compete à figura do professor-mediador de leitura auxiliá-los a reconhecer quais são as mais confiáveis e as descartáveis. Assim, o mediador precisa ajudar seus alunos a “filtrar” o mundo do ciberespaço e aproveitar o que há de melhor nele. Como os alunos hoje podem “navegar” em busca do conhecimento, eles parecem estar muito mais no “centro” do processo de ensino-aprendizagem e precisam do mediador para aprender a “navegar na melhor rota”, naquela que os conduza por espaços mais adequados e eficientes de conhecimento.

Acreditamos que os textos infantis lobatianos sobreviverão a essa nova forma de leitura. E também pensamos que Dona Benta, mesmo como mediadora de textos escritos, pode continuar a ser vista como exemplo de mediação. A obra infantil completa de Lobato, reeditada pela Editora Globo, também vem sendo comercializada em forma de *e-book*. Nessa nova plataforma, o leitor pode interagir de maneira mais rápida, inclusive, com os hipertextos e paratextos, bastando um “click” para levá-lo à discussão que eles apresentam.

Percebemos, entretanto, que a viabilização financeira desses *e-books* ainda levará algum tempo para ocorrer e invadir o mercado editorial. Embora tudo pareça fácil e haja tecnologia para “fazer acontecer”, ela é ainda bastante cara para a maioria da população.

Para leitores jovens, mais habituados a essas novas plataformas, é bastante possível que, quando o acesso a *e-books* estiver mais democratizado nas escolas brasileiras, a leitura possa ganhar novos significados. Aqui pensamos no que o mundo da informática poderia realizar a partir dos aspectos lúdicos existentes nos textos infantis de Lobato.

Se pensarmos, por exemplo, nos dois livros por nós analisados, *DomQuixote das Crianças* e *Geografia de Dona Benta*, podemos ter uma ideia do que seria possível realizar. Vejamos o que poderíamos encontrar em uma passagem como:

-Estou contando apenas algumas das principais aventuras de D. Quixote, e resumidamente. Ah, se fosse contar o d. Quixote inteiro a coisa iria longe! Essa obra de Cervantes é em comprida; passa de mil páginas numa edição in-16. Mas só os adultos, gente de cérebro bem amadurecido, podem ler a obra inteira e alcançar-lhe todas as belezas. Para vocês, miuçalha, tenho de resumir, contando só o que divirta a imaginação infantil.

-In-16, vovó? Que quer dizer isso?

-É uma medida do formato dos livros. Os livros são feitos de papel, como você sabe. O papel vem da fábrica em folhas. Em cada folha imprime-se um certo número de páginas. Espere... O melhor é dar um exemplo. Traga um jornal.

-Pronto, vovó –disse ele. Aqui tem um.

-Muito bem –disse Dona Benta. Vamos agora tomar uma folha inteira e desdobrá-la sobre a mesa, assim. Aqui tem você uma folha de papel. Se dobrarmos esta folha pelo meio, quantas páginas ficam? Página é um lado só do papel. Pedrinho dobrou a folha de papel e contou.

-Ficam 4 páginas.

-Isso mesmo. Ora, se imprimirmos um livro em páginas desse formato, esse livro se chamará *in-folio*. Agora dobre o papel mais uma vez e veja quantas páginas dá.

Pedrinho dobrou a folha de papel e viu que dava 8 páginas.

-Muito bem. Um livro impresso em páginas desse formato é um livro in-oitavo, ou in-8. Dobre o papel mais uma vez e conte.

Pedrinho dobrou o papel e contou 16 páginas.

-Isso mesmo. Um livro impresso em páginas desse formato é um livro indezeses, in-16. Dobre o papel mais uma vez e conte. [...]

-Ora veja só, vovó, uma coisa tão simples e eu não sabia! Vou ensinar a Narizinho (LOBATO, 1957, pp. 152-153).

Aqui temos uma aula sobre materialidade do livro dada por Dona Benta. Trata-se de uma passagem em que ela executa seu papel de mediadora de leitura, parando a narração da história para sanar a dúvida do neto. Imaginemos um *e-book* que pudesse abrir um *link* para um hipertexto a fim de explorar toda essa explicação em forma de imagem animada. Teríamos, com bastante segurança, uma aprendizagem garantida do que vem a ser a nomenclatura *in-folio*. Lobato se esforça ao tentar colocar na fala de Dona Benta a explicação e parece conseguir; entretanto, para os leitores atuais, uma animação certamente garantiria mais atenção e interesse por parte deles.

Também pensamos que, enquanto isso não ocorre, o professor-mediador pode se apropriar das informações dadas por Dona Benta e, juntamente com um professor de informática, propor a seus alunos a elaboração de um vídeo explicativo, montado por eles, por exemplo, sobre a definição explorada pela avó, algo como um “tutorial” que pudesse ser publicado no *youtube*, por exemplo. Há inúmeras passagens que poderiam ser exploradas dessa forma e, com isso, além de avaliar a leitura do texto e a capacidade mediadora de Dona Benta, o professor colocaria seus alunos numa situação lúdica ao

produzir um vídeo que poderia ser adicionado à página da escola ou mesmo “linkado” em alguma página da rede. Trata-se, com isso, do trabalho de mediação de Dona Benta sendo relido nas mídias atuais.

Ao pensarmos em *Geografia de Dona Benta*, escolhemos uma passagem logo do início da obra, quando Dona Benta responde a uma dúvida de Narizinho e incorre na Lei da Gravitação de Isaac Newton:

- Conte essa lei, vovó,
- A Lei da Gravitação diz assim: *A matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias.*
- Fiquei na mesma! –gritou Pedrinho.
- Pois não será difícil compreender, se formos por partes. Diz a lei que *a matéria atrai a matéria*. Matéria é tudo quanto ocupa lugar no espaço. Você ocupa lugar no espaço; logo você é matéria. Os astros ocupam lugar no espaço; logo os astros são matéria. Emília ocupa lugar no espaço; logo Emília é matéria.
- A boneca rebolou-se toda, orgulhosa de ocupar lugar no espaço.
- Mas o espaço é infinito –continuou Dona Benta, isto é, não tem fim; de modo que os astros, por maiores que sejam, não passam de pontinhos ocupando lugarezinhas no espaço infinito. Esses pontinhos, ou películas de matéria atraem-se, ou puxam-se uns aos outros.
- Já sei –disse Pedrinho. Um puxa o outro como o ímã puxa o ferro. O ímã que atrai o ferro é a matéria-ímã atraindo a matéria-ferro. Continue, vovó.
- Muito bem. *A matéria atrai a matéria*, mas de que modo? De dois modos. Primeiro, *na razão direta das massas...*
- Não entendo essa tal razão direta –disse a menina.
- Muito simples. Quer dizer que quanto maior for um astro, tanto mais atrai outro. Se é pequeno, atrai pouco; se é grande, atrai muito. Se um astro é o dobro do outro, atrai o dobro do que atrairia se fosse do mesmo tamanho. Entendeu?
- Parece que sim –respondeu Narizinho; continue.
- Segundo modo: *na razão inversa do quadrado das distâncias*. Quer dizer que quanto *mais longe* um astro está de outro, *menos* o atrai.
- Sei. Com a distância vai perdendo a força. Isso é lógico. Se o ferro está a um quilômetro do ímã, por força que é menos atraído do que se estivesse a um metro. Mas esse quadrado aí do meio? Que é?
- Significa que se o ferro está a cinco quilômetros do ímã é atraído vinte e cinco vezes menos do que se estivesse a um quilômetro, porque o quadrado de cinco é vinte e cinco. Quadrado de um número quer dizer esse número multiplicado por si mesmo.
- Compreendi. Continue, vovó.
- Já acabou. É isso só. Um astro atrai outro conforme o tamanho e conforme a distância que está do outro. Quanto maior for o astro, mais atrai, e quanto mais longe estiver, menos atrai. A Lei da Gravitação é isso (LOBATO, 1957, pp. 9-10, grifos do autor).

Temos aqui mais um excerto em que Dona Benta faz mediação do conhecimento para as crianças. Imaginamos que um *link* no *e-book* de *Geografia* pudesse levar nosso leitor a uma demonstração de uma experiência sobre a Lei da Gravidade ou que um

professor-mediador pudesse sugerir a seus alunos um trabalho em conjunto com um professor de Ciências sobre tal lei. Esse conteúdo geralmente é explorado no Ensino Médio apenas, mas lembramos que os leitores das obras infantis de Lobato estão concentrados no Ensino Fundamental. O trabalho em conjunto das duas disciplinas traria para os leitores juvenis o conhecimento de um assunto que surgiria apenas à frente na vida escolar desses jovens. Recordamos que Lobato nunca teve receio de discutir assuntos polêmicos e complexos em seus livros infantis e é o que ele faz ao colocar Dona Benta para explicar a Lei de Newton.

Assim, mais uma vez, percebemos que a mediação da avó continua atual e precisa apenas ser adaptada aos novos tempos e às novas plataformas de leitura. Além disso, esse trabalho, em parceria com professores de outras áreas, tem sido sempre sugerido aos professores a fim de que diminuam a ideia de que o conhecimento é algo estanque e monodisciplinar. Dessa forma, os textos de Lobato se tornariam hipertextuais, interativos e multimodais<sup>11</sup> e Dona Benta, como mediadora, continuaria atual e “antenada” nas novas mídias. Para Valéria Ribeiro de Castro Zacharias, em “Letramento Digital: desafios e possibilidades para o ensino”: “A redefinição dos objetos de leitura e as possibilidades interativas atribuídas a seus usos vão redefinindo os modos como os leitores lidam com os textos e as mídias digitais” (p. 23). Ou ainda como apontava Elisa Maria Klajn no texto “Monteiro Lobato: texto e renovação”, ainda em 2006:

não há como negar ou deter o avanço tecnológico que ora se apresenta, abarcando e modificando igualmente a relação texto/leitor. Isso não quer dizer que a literatura desaparecerá. A forma pela qual a definimos e como estamos acostumados a recebê-la é que hoje se transforma (p. 59).

Percebemos, com isso, que toda a obra infantil lobatiana, ao ser repensada nos espaços virtuais, tem a oferecer muitos ganhos de leitura a seus jovens leitores. E os professores-mediadores precisam adequar suas mediações a esses novos espaços a fim

---

<sup>11</sup> De acordo com Valéria Ribeiro de Castro Zacharias, em “Letramento Digital: desafios e possibilidades para o ensino”: “Cada vez mais, novas linguagens se agregam aos textos verbais como, por exemplo, as animações, os efeitos sonoros, as imagens, as cores, os formatos das letras, permitindo possíveis e diferentes interpretações das mensagens que exploram a multimodalidade (Kress & Van Leeuwen, 2006). Essa profusão de linguagens em um mesmo suporte, como a tela, por exemplo, descentraliza o papel da linguagem verbal escrita e cede lugar às diferentes maneiras de produzir sentido durante a leitura com a combinação de várias semioses. Ribeiro (2013), com base em Kress & Van Leeuwen (2006), argumenta que não há textos monomodais, uma vez que todos os textos exploram aspectos estéticos, de *design* e de *leiaute*. No entanto, sabemos que a multimodalidade ainda é pouco explorada no campo da educação, embora tenha ganhado mais notoriedade na atualidade” (p. 22).

de auxiliar seus alunos em leituras mais eficazes e lúdicas geradas pelas diversas ferramentas disponíveis na internet.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa discussão procurou apresentar a figura da personagem Dona Benta como mediadora eficaz de leitura em duas obras infantis de Monteiro Lobato e como essa eficiência ainda pode se fazer presente nos dias atuais para servir de modelo aos professores que levam a sério a prática da mediação de textos.

A partir dessa constatação, com exemplos retirados de *Dom Quixote das crianças* e de *Geografia de Dona Benta*, pudemos apresentar a função do mediador de leitura para os professores como desafiadora ainda nos dias atuais, tendo em vista que, a partir das novas plataformas virtuais de publicação de texto e de leitura, temos a necessidade de um mediador atualizado e comprometido com essa nova forma de ler e, portanto, também de mediar textos.

Os exemplos que apresentamos foram pensados por Monteiro Lobato nas primeiras décadas do século XX e, por isso, não podemos nos esquecer de que Dona Benta é uma personagem datada. Apesar disso, nosso trabalho propôs possibilidades de mostrar que os textos lobatianos infantis ainda podem ser atuais e podem motivar não apenas crianças e jovens leitores, mas também professores a verem, no exemplo da avó-mediadora familiar ou da avó-mediadora-institucional, um modelo de dedicação à leitura e à mediação do texto literário e do (in)formativo. Com isso, os mediadores atuais podem ter ferramentas eficientes para formar leitores críticos, seja a partir de livros de papel, seja a partir de *e-books*, e podem, assim, fazer alguma diferença na vida de seus alunos-ouvintes.

## **REFERÊNCIAS**

AZEVEDO, Ranielli. Interação.gov.br: exercício de leitura e cidadania *in* COSCARELLI, Carla Viana (org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.  
BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. 3 ed. rev. Campinas/SP: Autores Associados, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos- 1750-1880*. 11 ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2007.

CERRILO, Pedro; LARRAÑAGA, Elisa.; YUBERO, Santiago. *Libros, lectores y mediadores: la formación de los hábitos lectores como processo de aprendizaje*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2002.

COSCARELLI, Carla Viana (org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

LACERDA, Nilma. *Tortura e Glória: fugas na ordem dos livros*. Belo Horizonte: Superintendência de Bibliotecas Públicas de MG, 2010.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das Crianças: contado por Dona Benta*. (Ilustrações de André Le Blanc). 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.

\_\_\_\_\_. *Geografia de Dona Benta*. (Ilustrações de André Le Blanc). 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os Filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.

RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania. *Questões de literatura na tela*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

RÖSING, Tania M. K. (org.). *Do livro ao CD- Rom: novas navegações*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 1999.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. 4 ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

ROMANO, Patrícia A. Beraldo. “Dona Benta: uma mediadora de leitura em *Peter Pan*, de Monteiro Lobato” in *Revista Caletrosópio- Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto*. V.4, n.6 (2016), pp. 37-53.

\_\_\_\_\_. A personagem Dona Benta como mediadora de leitura em *Aventuras de Hans Staden*, de Monteiro Lobato in *Anais do IV CIELLI- 4º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual de Maringá*, Maringá, PR, 2016.

\_\_\_\_\_. A personagem Dona Benta como mediadora de leitura em *Fábulas*, de Monteiro Lobato in *Anais do 7º Seminário de Literatura Infantil e Juvenil/ II Seminário de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária: Linguagens Poéticas pelas frestas do contemporâneo* realizado na Universidade Federal de Florianópolis, Florianópolis, SC, 2016.

\_\_\_\_\_. *Dona Benta: mediadora de leitura em Dom Quixote das Crianças e Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato*. Tese (Doutorado em Letras). Centro de Comunicação e Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

SOLÉ, Isabel. Desenvolver a competência leitora: responsabilidade de todas as áreas. Editora Moderna. Disponível em <http://pt.slideshare.net/EdModerna/competencia-leitora-pnld>, slide 6, acesso em 15/10/16.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento Digital: desafios e possibilidades para o ensino in COSCARELLI, Carla Viana (org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

KLAJN, Elisa Maria. Monteiro Lobato: texto e renovação in RÖSING, Tânia Mariza K. (Org.). *Do livro ao CD-ROM: novas navegações*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

### **SITES CONSULTADOS**

[http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/edgar\\_linhares.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/edgar_linhares.pdf), acesso em 15/08/17.

<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>, acesso em 15/08/17.

<http://www.abert.org.br/web/index.php/quemsomos/historia-do-radio-no-brasil#>, acesso em 04/07/16.

<http://historia-da-comunicacao.blogspot.com.br/2012/03/o-surgimento-do-radio.html>, acesso em 04/07/16.